JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DE GUIMARÃES E O DE MAIOR EXPANSÃO NO CONCELHO

Notícias de Guimarães

ANO 20.º N.º 1017
GUIMARÃES, 15 de Julho de 1951
Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-A Tel., 4313
Comp. e Imp., *Tip. Ideal.* Tel., 4381
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Historiando e divagando

(a propósito dos Paços do Concelho)

O magnífico artigo da autoria do ilustre colaborador *M.*, publicado em fundo neste semanário, em 24 de Junho p. p. sob o título «*Os Paços do Concelho*», insistindo na justa defesa da mais notável Obra do malogrado Mestre Marques da Silva, abriu-me o apetite de vir, uma vez mais, à imprensa, não em seu auxílio, porque evidentemente o não necessita quem, com tão vastos e profundos conhecimentos de causa, desenvolve os seus pensamentos, mas como simples reforço, de que certamente também não carece, às suas criteriosas observações, com as quais em absoluto concordo e às quais nada há a acrescentar.

Releve-me no entanto a pobreza da minha prosa que, sendo sincera, nunca foi «*brilhante*», como amàvelmente escreve no referido artigo, amabilidade cujo agradecimento me apraz aqui registar, e deixe-me historiar um pouco o caso e sobre ele divagar, numa salutar evocação do passado, com o espírito em calma.

* * *

Há largos anos já, a Câmara Municipal de Guimarães, cônscia dos seus deveres para com as necessidades mais prementes do povo que administrava, resolveu abrir concurso entre os Artistas portugueses, para a construção de um novo edifício dos Paços do Concelho.

Concorreram vários dos mais categorizados Arquitectos do Porto e de Lisboa, e ainda um nosso conterrâneo, ao tempo, julgo eu, estudante da Escola de Belas Artes do Porto, onde concluiu, com brilho, o curso de Arquitectura Civil.

Encerrado o praso do concurso, foi organizada uma Comissão, ou antes, um júri que classificaria os projectos que porventura se apresentassem à sua apreciação.

Convém aqui frizar, como prevenção aos senhores profissionais da *má língua* indígena, que não se tratava de uma comissão para *inglês ver*, pois nenhum dos seus componentes, já citados pelo ilustre colaborador *M.*, se prestaria a fazer qualquer *frete* com o intuito preconcebido de favorecer este ou aquele dos concorrentes, nem a honestidade da própria Câmara consentiria em organizar uma comissão de semelhante jaez. Naqueles tempos era assim.

Considerava, portanto, a Câmara de Guimarães que acima, mas muito acima, de quaisquer interesses ou desinteresses partidários políticos, se elevavam, *a par das necessidades mais urgentes do seu Concelho*, os superiores interesses da Arte. E assim, o referido júri, tendo à frente o eminente professor da Escola de Belas Artes de Lisboa, arquitecto Alexandre Soares, já falecido, aprovou por *unanimidade*, em primeiro lugar, o projecto de que, como se verificou depois, era autor o Mestre Arquitecto Marques da Silva, sendo o segundo prémio atribuido ao projecto apresentado pelo talentoso e então novel Arquitecto Vimaranense, para sua e nossa honra, sr. José Luís Ferreira que, por sinal, foi muito feliz na sua concepção dando-lhe um acentuado e encantador sabor clássico.

Este facto levou o presidente do júri a salientar uma verdade corrente entre os Artistas — que «o clássico é sempre belo». Notou-se que, na altura do concurso, já o *modernismo* principiava a marcar a sua posição e estava em marcha, mas nenhum

Conclui na 2.ª página.

PROF. ABEL CARDOZO.

VÁRIA

AS CONSTITUINTES DE 1820

O *Governo Supremo do Reino* dirigia à Nação, em 31 de Outubro de 1820, uma proclamação, que principiava assim: «O Governo Supremo do Reino, tendo dado primeiro as devidas graças ao Eterno Legislador do homem, se congratula convosco em meio da sua, e da nossa felicidade, por se aproximar o termo de vos congregardes em Côrtes, para que tem a honra de vos convocar. Que diuturnos tempos se tem passado em vergonhoso silêncio, sem que tenha soado aos nossos ouvidos esta palavra tão familiar a nossos avós!... Sucedeu a voz legal, e majestosa da Nação às misteriosas sugestões dos aulicos, e brevemente exercitareis em solene e sublime aparato as funções da Soberania. Vós, a quem emudecia a boca, mesmo para vos queixardes da espoliação de vossos direitos civis». Depois, incitava: «Portugueses! Não foi para ressuscitar as antiquadas formas do feudalismo e um vão simulacro de Côrtes que nos dias 24 de Agosto e 15 de Setembro, eternamente memoráveis e gloriosos, tomastes a postura terrível de um Povo, que, resgatando-se por sua própria virtude dos ferros, hipoteca suas vidas para segurar a sua liberdade... Rotinas temporárias impostas pela prepotência, e continuadas pela ignorância, por mais inveteradas que se inculquem, e consagrem, cedem à eternidade de direitos naturais e inalienáveis». E advertia: «Portugueses! Na crise que está iminente não há paixão, assim louvável como torpe, que não fermente e se desenvolva com todas as forças do carácter, que lhe é próprio. Todos os vícios pedirão emprestadas máscaras às virtudes contrárias, e as farsas da hipocrisa patriótica se repetirão inumeráveis por todo o vosso território. Intrigas surdas, ataques manifestos, conluios poderosos, tramas subtis, calúnias, sátiras, elogios, e até a virtude, e até a Religião, e até a Pátria, tudo se porá em movimento, de tudo se abusará para o triunfo dos mais reconcentrados interesses. Portugueses! Vigilância, cautela, circunspecção! Profanam-se as santas mãos da liberdade quando depositam seus votos noutra urna, que não seja o seio da Pátria».

Que ingénuos românticos!...

*

Ao meu bom Amigo e bom Poeta *Costa Guimarães*, que, ao contrário de tantíssimos, conserva avaramente aferrolhado magnífico tesoiro de versos, ouvi estas duas quadrinhas:

Com separação de bens,
Casou a nossa vizinha:
— Ele tinha alguns vinténs,
Mas ela nem isso tinha.

— Se o teu marido te engana?...
Eu nessas coisas distingo:
A' lufa duma semana,
Sabe bem um bom domingo.

*

Mais duas. Estas, do livro de *Mário Sette*, escritor brasileiro, em «*O Vigia da Casa Grande*»:

Quem tem amô a muié
Percisa dois coração...
Um pra quando ela diz «qué»
Outro pra quando diz não.

O sol tá todo de fora,
Mas a chuva vem caindo...
A moça quando namora
Tá jurando e tá mentindo.

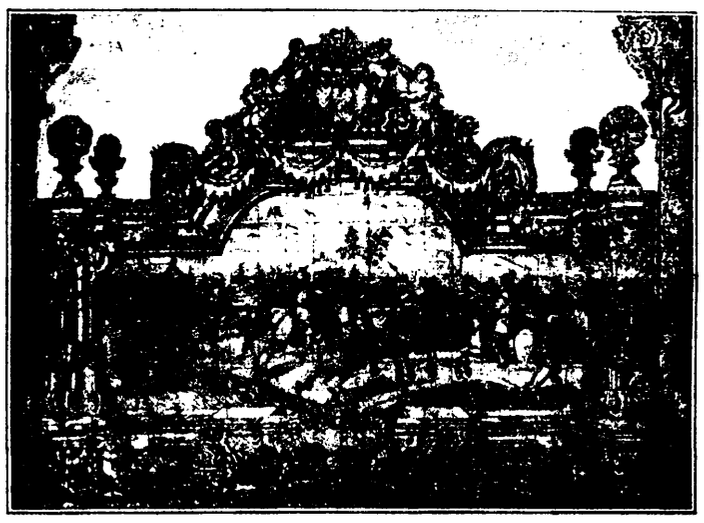
*

— António José — interrompeu como surpreendido o Barão —. Conheci um homem com esse nome económico.

Camilo («Vingança»).

Ainda o incêndio do Seminário da Costa

A propósito do pavoroso incêndio que destruiu parcialmente o Mosteiro da Costa, acontecimento a que já nos referimos, lamenta-se a perda dos formosos azulejos que



existiam pelas paredes do edifício. A nossa gravura mostra um desses azulejos, de Policarpo de Oliveira Bernardes (Século XVIII).

OS LIVROS E O AMOR

Pelo Dr. José de Figueiredo Vasconcelos.

A meu filho António Carlos.

XXIV

Não é o meu papel, evidentemente, imitar certos escritores que pretendem auxiliar a resolução de certos problemas sentimentais, emocionais... Psicologia e experiência da vida bastam para solucionar tais casos, quando o diagnóstico é posto com clareza e conhecimento de causa.

Encararei o problema do amor nas suas bases essenciais e, em rápido esquema, as suas repercussões na história e na literatura.

Actualmente, a América entretem-se a investigar, dentro de um campo estritamente psico-biológico e pedagógico, as suas diversas manifestações, a formular questionários, a fixar regras, a propor ensinamentos da tão decantada arte de amar ou de ser feliz. E não falta quem, levado por essas explicações, encontre o «savoir-faire», em experiências delicadas...

O meu fito, porém, é outro: dissertar sobre o amor e explicá-lo, resumindo em breve síntese o que sei, o que penso e o que apuro das minhas vastas leituras. Não deito abaixo a minha biblioteca, mas julgo conveniente, antes de entrar pròpriamente no assunto, indicar os principais livros.

Em 1822, em plena época romântica, despertou imensa curiosidade o livro de Stendhal — **De l'Amour**. Nele se revela nítida a influência da sua paixão por Métilde e tudo o que escreve não é mais do que um desabafo, uma extensa confidência sobre o seu estado de espírito. Por isso, nem para todos foi escrita essa obra: apenas para uns «*cem leitores*», sensíveis e ternos.

Continua na 4.ª página

PROPAGANDA ELEITORAL

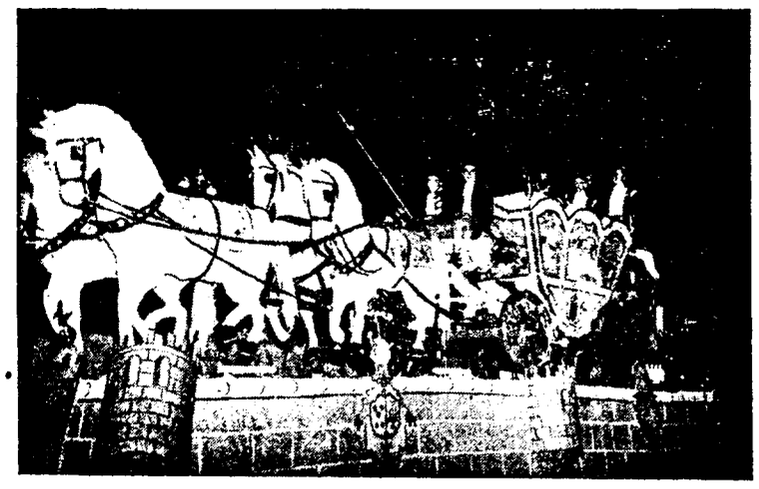
Reuniram-se, ontem, pelas 14,30 horas, na Câmara Municipal, os Presidentes das Juntas e Regedores de todo o concelho, para tratarem de assuntos que se relacionam com a eleição do Presidente da República, e amanhã, às 21,30 horas, no Ginásio do Liceu Nacional, terá lugar, conforme o convite que hoje publicamos, uma sessão de propaganda, a que virá presidir o senhor Ministro da Marinha.

Sempre que V. Ex.ª precise de trabalhos tipográficos, o telefone da *TIPOGRAFIA IDEAL* é o 4381.

As Festas Gualterianas

foram objecto de uma troca de impressões com a IMPRENSA

Ao iniciar a sua reunião de quarta-feira última a Comissão Executiva das Festas da Cidade recebeu os representantes da Imprensa local e diária de Lisboa, Porto e Braga, aos quais havia solicitado a comparência àquela sessão.



Este lindíssimo carro fez sucesso na Marcha Gualteriana do ano passado

Em nome da Comissão o vice-presidente sr. dr. Jorge da Costa Antunes apresentou-lhes as mais calorosas saudações, salientando o muito que a Comissão deve já, em dedicação prestimosa, à Imprensa.

Seguidamente fez uma rápida descrição do programa geral das Festas que constarão de: Feiras Francas, no Largo da República do Brasil; Grande Concurso Pecuário, com prémios no valor de 15 contos, no Campo do Salvador e Festival nocturno com iluminações, fogo e música no dia 4; Cortejo de Flores, em que devem tomar parte mais de mil camponesas com seus trajes característicos, Batalha de Flores e festivais, no dia 5; uma formidável Corrida de Touros em que tomarão parte além de outros os seguintes artistas: Simão da Veiga, João Núncio, Manuel dos Santos e Juanito Selviti, a maravilhosa Marcha Gualteriana e novo festival nocturno, no dia 6; imponentes solenidades em honra de S. Gualter, com Missa Solene e sermão pelo Rev. Fr. Armindo de Carvalho, de Coimbra, e Majestosa Procissão, no dia 7, rematando as festas com novo festival nocturno.

O programa, acima apresentado em fugidias linhas é, como se vê, grandioso e com números verdadeiramente atraentes, sabendo-se que tanto a Batalha de Flores, número que se não faz em Guimarães desde 1932, como a Marcha Gualteriana, trazem verdadeiramente apaixonadas, na sua organização, as pessoas — cavalheiros e senhoras respeitáveis no meio — que tomaram sobre si o pesado encargo dessa realização.

Ao falar-se da elaboração

Inauguração

da nova Igreja do Pevidém

Foi antem solenemente aberta ao culto a nova Igreja do Pevidém, Paroquial de S. Jorge de Selho, obra grandiosa que muito dignifica quem determinou a sua construção e bem assim a boa e generosa gente daquele importante centro industrial, que soube vencer todos os obstáculos para levar a cabo, após porfiados esforços e canseiras, tão grande empreendimento.

A obra foi comparticipada pelo Estado, tendo para a sua efectivação contribuido também, num gesto nobre que não é mais do que a retribuição de atenções recebidas, algumas pessoas e firmas comerciais e industriais desta cidade.

O Prelado da Diocese e diversas altas individualidades desta cidade e de outras localidades, estiveram presentes aos actos que ficaram a assinalar a inauguração e bênção do novo Templo, os quais concluiram com um solene Te-Deum em acção de graças pelo benefício concedido.

A população do Pevidém associou-se em massa às manifestações de regozijo e ajoelhou no seu novo Templo implorando a protecção divina para tão numerosa família de dignos trabalhadores.

«Notícias de Guimarães» *compartilha da alegria que invade, nesta hora, o coração generoso de tão nobre gente.*

A Romaria Grande de S. Torcato

E O "NOTÍCIAS"

Assinado pelo Rev. sr. Padre José Fernandes Ribeiro, ilustrado pároco de S. Lourenço de Selho e membro da actual mesa da Irmandade de S. Torcato, recebemos o seguinte e penhorante ofício, que nos cumpre agradecer:

«Respeitosos cumprimentos. A Irmandade de S. Torcato agradece, muito reconhecida, a V. ... todas as referências feitas no conceituado semanário que tão nobremente orienta, à tradicional Romaria Grande.

Por esta forma testemunha a maior gratidão de todos os mesários pela activa propaganda, vinda a lume nas colunas do «Notícias de Guimarães», das nossas Festas».

Os amigos dos animais

Achamos digna de todo o louvor a campanha, verdadeiramente nacional, que a Sociedade Portuguesa de Naturologia tem promovido contra os torneios de tiro aos pombos, campanha a que não tem faltado o valioso concurso de colectividades zoófilas, educativas, patrióticas, humanitárias e, bem assim, o de outras instituições. Por nossa parte, não podemos deixar de aplaudir esse movimento contra tão repugnante barbaridade, sobretudo porque o seu reflexo atinge e prejudica o próprio factor educativo com o qual todos os cuidados e todas as precauções se tornam necessários.

Um espectáculo dessa natureza presenceado por crianças, leva estas a serem influenciadas por esse exemplo de malvadez e de crueldade e, assim, a renegarem o que aprendem no lar e na escola sobre o dever de não tratarem mal os animais, dever que o Ministério da Educação Nacional instituiu nos programas do Ensino primário, nos quais se chama a atenção dos Agentes desse grau de Ensino no sentido de não ser descurada a protecção aos seres inferiores. Sabemos que existem, infelizmente, pessoas para as quais essa Causa nada vale e nada representa e que, em face disso, em vez de receberem com agrado qualquer campanha tendente a proclamar a obrigação de bem tratar os animais, desinteressam-se disso, em absoluto, quando não vão mais longe, isto é, quando não lhes dá para desvirtuarem as boas intenções de quem pensa de forma diferente. Outros, na falta de melhor argumento, dizem que os protectores dos animais se deveriam sentir escandalizados com a mortandade de muitos dos mesmos, que eles próprios apreciam em ricos manjares ou em simples refeições. A insuficiência desse argumento, reveladora de profunda infantilidade, não vence nem convence, visto que há animais que são criados para diversos fins, entre eles o da alimentação. O que de modo algum se pode confundir é *alimentação* com *espectáculos públicos*, nos quais a morte constitui um prazer e um entretenimento, como acontece com o tiro aos pombos e touros de morte. Este último cenário não é permitido no nosso país e outrotanto virá a suceder com os referidos torneios, porque os Poderes Públicos terminarão por acabar, de uma vez para sempre, com semelhante selvajaria e, quando assim o fizerem, será mais um passo em frente na moralização de costumes que comprometem o nível da civilização de um povo. De resto, encontram-se países menos civilizados do que o nosso, onde, não obstante essa circunstância, a protecção aos animais não é desprezada nem é permitido que estes sejam vítimas dos maus instintos humanos. E o que se poderá dizer, então, daquelas nações que mantêm Asilos para certos animais, sustentados por meio da iniciativa particular e auxiliados, quando necessário, pela iniciativa oficial?! Não acreditarão nesta verdade os promotores e defensores do tiro aos pombos, avezinhas que são o símbolo da bondade e da inocência?! Confessamos que não compreendemos a ignorância de certas pessoas sob esse ponto de vista e lamentamos que a sensibilidade do seu coração e dos seus sentimentos seja tão frágil e, portanto, tão susceptível de suportar a monstruosidade de tais torneios. Porém, *nem tudo que luz é ouro!...*

S. M.

---

do programa mereceu referência especial da Comissão o facto de a população vimaranense ter sido, como sempre, fidalga na maneira como a acolheu, permitindo, desse modo, que as festas do presente ano não só se façam por forma a manter a justa fama de que gozam em todo o país mas, ainda, proporcionando a todas as pessoas que nos visitam em Agosto as mais agradáveis impressões.

Sabe-se que por toda a parte estão a ser organizadas excursões a Guimarães, tendo esse entusiasmo chegado já à Administração da C. P., que resolveu organizar um «expresso popular» de Lisboa directamente a Guimarães no dia 5, proporcionando assim a centenas de pessoas uma visita a esta Cidade para apreciarem as suas «Gualterianas».

Vão ser de efeito deveras surpreendente as decorações das Praças, Largos e Ruas, de um modo especial do Jardim Público, onde vai exibir-se a Banda de Madrid.

O Toural ostentará também no centro da elegante Praça um artístico motivo decorativo, que por certo causará agradabilíssima impressão.

Os fogos serão fornecidos pelos mais afamados pirotécnicos do País e nos festivais tomam parte as seguintes 12 bandas de música:

Banda del Primer Tercio Movil de la Guardia Civil de Madrid, Bandas dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, de Vizela, de Riba d'Ave, de Felgueiras, de Arcos de Val de Vez, da Póvoa de Lanhoso, Bandas Musicais do Pevidém, de Revelhe, das Taipas, do Centro Artístico do Pejão e das Oficinas de S. José.

Ao findar a conversa com os jornalistas o sr. vice-presidente da Comissão das Festas disse que estas são um pregão, um grito caloroso do nome de Guimarães pelo país além, fazendo algumas considerações a propósito do valor das Gualterianas e terminou por agradecer aos representantes da imprensa a comparência àquela sessão, assim como o auxílio valioso que à Comissão têm prestado e continuarão a prestar na propaganda respectiva.

Instrução Primária

Os júris de exames do 2.º grau, que se iniciam no dia 15 no concelho de Guimarães, são assim constituídos:

1.º júri (masculino) — Presidente, João Teixeira Sepúlveda; Vogais, Adélio de Oliveira e António Paulo Casalta.

2.º júri (masculino) — Presidente, Joaquim de Sousa Cunha; Vogais, António José Ribeiro Vaz e João Vivas de Freitas.

3.º júri (masculino) — Presidente, António Dias de Amorim; Vogais, Alvaro Pedro Amado e Maria da Glória Saraiva Pereira.

4.º júri (masculino) — Presidente, António Martins Gonçalves; Vogais, António Marques Dias da Silva e António Silvio da Silva Fernandes Macedo.

5.º júri (masculino) — Presidente, Domingos Ribeiro Dias da Silva; Vogais, Maria da Conceição Gonçalves Grilo e Amilcar Dias Peixoto.

6.º júri (masculino) — Presidente, João Guilherme da Silva Leite; Vogais, Natália dos Anjos Araújo Ferreira e Delmina Alves de Além.

7.º júri (feminino) — Presidente, Julieta Pereira da Silva; Vogais, Ana Augusta da Silva Alves e Vera Margarida de Carvalho Xavier.

8.º júri (feminino) — Presidente, Maria Cesarina de Sousa; Vogais, Marília Estela Marques Carneiro e Maria Alice Figueiredo Alves.

9.º júri (feminino) — Presidente, Beatriz da Anunciação da Costa Alves; Vogais, Maria Amélia Alves Mata e Joaquina da Conceição F. Ribeiro Martins.

Secretaria — Maria da Natividade Simões e Silva, Maria do Carmo Martins Cerqueira, Amélia da Conceição Pereira e Maria Luísa Ribeiro Cardoso.

CONVITE

A Câmara Municipal e a Comissão Concelhia da União Nacional convidam os nacionalistas desta cidade e concelho a assistirem a uma sessão de propaganda eleitoral que se realiza no Ginásio do Liceu Nacional de Guimarães, no dia 16 do corrente, às 21,30 horas, sob a presidência de Sua excelência o Senhor Ministro da Marinha.

Guimarães, 10 de Julho de 1951. 317

DAQUI NÃO SAIO...

COISAS VÁRIAS

Ao iniciar a minha colaboração para este semanário, prometi que defenderia, como soubesse e pudesse, os interesses de Guimarães e contribuiria para o aperfeiçoamento dos nossos costumes. Quanto a estes, aí vai a descrição de alguns casos, que eu desejaria não ter de relatar, mas que julgo necessário trazer a público, para que quem mantenha nas suas mãos qualquer meio que sirva para poder corrigir e emendar as faltas o faça, para bem de todos, pois há muitos erros que se cometem por ignorância e que, com certos cuidados, se poderão evitar.

Calhou de passar, há pouco tempo ainda, pelo largo da Condessa do Juncal. Existe ali um monumento ao Gravador Molarinho. É pobre esse monumento? Embora. Ele atesta a memória dum artista vimaranense e isso basta, para ser por todos respeitado.

Atraído pelo interesse de o observar, aproximei-me e qual não foi o meu desgosto, ao ver as pèdras que servem de colunas e o próprio medalhão, com a efígie do homenageado, cobertos de lama arremeçada, certamente, pelo garotio vadio e malcriado.

Acredito que, se no mesmo lugar estivesse a imagem de Afonso Henriques ou de Martins Sarmento, aconteceria o mesmo.

Afastei-me enojado, cogitando nas causas daquela vergonha e não achei outras que não fossem o mau instinto aliado à falta de educação moral e cívica. Mas será possível que as crianças de Guimarães, por mais humilde que seja a sua condição, digo crianças pois não creio que aquilo fosse obra de pessoas adultas, não tenham uma simples noção daquilo que representam os monumentos da cidade e o respeito que eles nos merecem? Será assim, por falta de escolas ou centros de educação moral?

Julgo que não. Deve ser antes o resultado duma educação defeituosa.

A par deste triste facto, notei que o largo, em referência, se encontra por arranjar, o que proporcionou ao garotio o ter a lama a jeito de fazer as suas travessuras.

.....

Outro caso. Este diz respeito ao dever que temos de não maltratarmos as árvores.

As árvores são as nossas melhores amigas. Dão-nos a sombra a que nos abrigamos, os frutos de que nos alimentamos, as lenhas com que nos aquecemos e as madeiras para a construção das casas que habitamos. São uma fonte de riqueza.

Pois bem. Há dias, ouvi dizer a um proprietário dos lados de Briteiros: — Possuo um pinhal, em que tinha muito gosto e esperava ver, eu ou os meus descendentes, criarem-se ali belos exemplares de árvores. Porém, durante o período da última guerra, os pinheiros apareciam esfolados. Inquiri dos caseiros o que significava aquilo, sendo-me respondido que pessoas desconhecidas vinham, a horas furtivas, roubar a casca dos pinheiros, para a irem, depois vender aos garfeiros das Taipas que a misturavam com o carvão das forjas. Fiquei com o pinhal estragado, um horror, dizia o proprietário.

Finda a guerra, a selvageria acalmou, mas está agora a manifestar-se novamente e, assim, não vale a pena manter o pinhal de pé. Com muito desgosto sim, mas vou mandá-lo destruir.

Por uma insignificância que os garfeiros podem dar pela casca dos pinheiros, estragam-se árvores que podiam ser de muita utilidade e valor.

.....

Terceiro e último caso, por hoje.

Outro proprietário, aqui das redondezas, queixava-se da desigual aplicação das leis.

Eu não tenho receio, dizia ele, de toda e qualquer lei, por mais dura ou injusta que seja, se ela for aplicada a todos de igual modo. Porque, se a lei é má, todos a sofrem, na mesma medida e, por isso, todos se esforçam, para que ela seja suspensa ou modificada. Tenho, porém, medo, quando se dá o contrário.

Isto vem a propósito, continuava ele, da resolução da Câmara de não conceder mais licenças para a construção de ramadas sobre caminhos públicos. Eu ignorava, disse, esta resolução e, por isso, requeri, na última época, licença, para construir uma ramada sobre um caminho que, sendo público, não é hoje mais que uma servidão de duas casas agrícolas.

Foi negada a licença, o que não é de estranhar, devido à resolução tomada pela Câmara, mas o que é de estranhar é que se tivessem construído, na mesma época, diferentes ramadas, dentro do concelho e perto da cidade, sobre caminhos públicos de maior categoria.

E' natural, argumentava ele, que a Câmara desconheça o que se passa, mas ela tem os fiscais, os cantoneiros, Juntas de Freguesia e a Guarda Nacional Republicana, para fazer cumprir as suas disposições.

Não faço comentários. A moralidade, a tirar do que fica exposto, fica ao critério dos estimados leitores.

JOAQUIM DO VALE.

Uma Carta

Do nosso bom amigo sr. Francisco José da Silva Guimarães, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos pelas oportunas e bairristas considerações que encerra:

... Sr. Director do «Notícias de Guimarães» e meu caro amigo:

Como julgo que as colunas do jornal que V. ... tão dignamente dirige estão ao dispor para tudo que diga respeito aos interesses desta nossa Guimarães, peço licença para nele ocupar umas linhas, sobre esta nossa terra. Embora as minhas palavras sejam modestas, como o é a minha pessoa, elas exprimem o bairrismo que vai na minha alma de vimaranense.

Em 1953, Centenário desta cidade!

Já muito se tem dito sobre estas comemorações, mas de positivo pouco ou nada ainda está assente. E no entanto, elas estão à porta, nem que o não pareça. Uma comemoração do complemento dos 100 anos da nossa cidade não se prepara em meia dúzia de meses; dois anos incompletos já não é tempo de mais — é mesmo pouco.

Far-se-á a tal Exposição Industrial?

Só isso vale tudo.

Guimarães tem uma boa ocasião para se orgulhar de mostrar ao País o que tem feito não só em prol do seu engrandecimento mas também do de Portugal.

Urge, por isso, meter mãos à obra, preparar o terreno e traçar o plano quanto antes.

Vejo também surgir a ideia de perpetuar essa data com um monumento aos pioneiros das nossas indústrias. Já que não somos bafejados com o auxílio oficial, saibamos nós ser agradecidos a quem nos fez prosperar.

Em 1853, Guimarães era uma populosa Vila, cheia de tradições. A Raínha D. Maria II entendeu que tinha direito a ser uma cidade, e assim o ordenou. Nestes 100 anos que vamos festejar, quantos Vimaranenses tivemos nas indústrias, que se mortificaram para nos legar tão grande riqueza de produção. Esses homens, que não possuem placas nas ruas nem monumentos, foram dos maiores beneméritos da nossa terra.

Que seria do nosso povo se lhe faltassem as fábricas, toda essa engrenagem que faz produzir para nós e para vendermos aos outros.

Os vimaranenses de há 60 anos pagaram a dívida ao fundador da nossa Pátria, erigindo-lhe um monumento, já que o Estado, a quem competia fazê-lo nunca, nisso pensou.

Agora, que belo gesto nós teríamos, erguendo um monumento em homenagem daqueles que mais se sacrificaram nestes 100 anos, trocando as suas comodidades e bem estar pelo quebra-cabeça ao serviço do progresso das nossas artes e indústrias.

Já não digo fazer uma Torre Eifel como fizeram os Parisienses naquela exposição de 1900 para perpectuar a vitória da metalurgia.

Mas um monumento evocativo, bem delineado, com placas ou bronzes dos principais pioneiros das indústrias que hoje possuimos.

A' Câmara pertence esse empreendimento, pois a acção deles muito tem contribuido para aumentar a receita dos cofres camarários. Será bem coadjuvada pelos Vimaranenses e Industriais, pois nessa homenagem abranger-se-iam alguns dos seus antepassados.

Quando ouço falar em erguer um monumento a Gil Vicente, eu julgo que Guimarães mais deve a esses homens.

F. GUIMARÃES.

Historiando e divagando

Continuação da 1.ª página

dos concorrentes, alguns seus adeptos, o quis ali adoptar.

Venceu pois o classicismo, fonte perene da eterna inspiração de beleza.

Por consequência, o carácter cheio de majestade e imponência do projecto primeiro classificado, a harmonia sem igual das suas linhas, imprimindo um equilíbrio de rara formosura a todo o edifício, desde logo impressionaram vivamente o júri, justificando-se plenamente, sem discrepância, e até com entusiasmo, a sua *unânime* aprovação.

Podem, portanto, à vontade chamar *mamarracho* ou *mostrengo* ao projecto, ou quantos nomes feios quiserem aqueles que votam pela demolição do monumento encetado, que não conseguem atingir o seu autor ou a sua Obra.

Marques da Silva conserva-se em um plano muito superior a tais críticos. A produção do Artista fala por si próprio. Ela é realmente, como muito bem diz o sr. colaborador *M.*, «*enorme e esplêndida*». E, como ele, eu afirmo também, que a Obra do Mestre que a todas sobreleva é, sem dúvida, a dos Paços do Concelho de Guimarães.

E no entanto, além das citadas por *M.*, muitas outras obras o insigne Artista deixou, que igualmente rivalizam com as dos maiores Arquitectos mundiais, como sejam, no Porto, a Estação de S. Bento, o sumptuoso edifício da Companhia de Seguros «A Nacional», os liceus de «Alexandre Herculano» e de «Rodrigues de Freitas», a nova igreja de Cedofeita, a construção da *marquise* da rua de D. Fernando, os primeiros bairros operários do Monte Pedral, inúmeras habitações citadinas, o mobiliário da Sala do Tribunal do Comércio e do Palácio da Cidade, etc., etc. Enfim, seria um nunca acabar de Obras de Arte. Mas, para firmar a sua reputação não necessitamos apontar estas Obras geniais: as de secundária importância para aquele Mestre, como o mercado de Guimarães e o monumento a João Franco, bastariam para atestar o dedo do Artista.

E, por falar no monumento a João Franco, permitam-me um parêntesis; é que me ocorre lembrar, como exemplo a seguir, que a erecção e inauguração daquele monumento não foram contrariados pela falange republicana; antes tiveram a sua colaboração; e podiam tê-lo sido, sob o motivo (oculto já se vê) de ter aquela iniciativa partido dos nossos adversários, se quisessemos usar do miserável processo dos já célebres demolidores dos nossos Paços do Concelho.

Sei qual a resposta a objectarem-nos.

E, sendo tal como a adivinho, estaria sujeita a discussões que não têm aqui cabimento.

Adiante, pois.

* * *

Quero crer, em favor desses detractores do Mestre, ao contrário da maneira como julgo considerá-los o senhor colaborador *M.*, que eles não são de todo isentos de «*sensibilidade estética*», embora muito rudimentar.

Conscientes a meu ver e portanto responsáveis, eles devem reconhecer em si, atraiçoado por maus ventos, o tal sentimento estético, batendo em todos nós. O sentimento do belo nasceu com o primeiro homem; e nós partimos do princípio de que eles não são burros... por aquela graça de Deus.

Convencidos, pois, devem estar que o edifício que espera pacientemente a sua conclusão, é, positivamente, *único* e *próprio* para a cidade de Guimarães. Para ela, *e só para ela*, aquela jóia artística foi concebida, estudada e delineada, com manifesta felicidade do seu autor.

E' de lamentar que haja quem reprove a sua conclusão e, mais, quem preconize a destruição ou a demolição da parte já iniciada. Porém, mais que lamentável, é revoltante que haja quem lhe evoque deficiências arquitectónicas que não existem, disparates e incoerências de estilos que nunca existiram, coisas chocantes que se não vêem, para explicar, ou melhor, para mascarar o verdadeiro motivo que os conduz à prática do crime de há muito premeditado.

Que falta de coragem! Que hipocrisia!

E para isso vão cair nesta coisa ridícula de contrapor ao júri presidido pelo notável Arquitecto Alexandre Soares, que aprovou o projecto em questão, outro júri que a Câmara entende com igual competência para o reprovar anos depois. Quere dizer: o concurso realizado há anos, só agora, em última instância, depois de executada a parte de maior responsabilidade da Obra, é submetido a julgamento! E' assombroso!

* * *

Eu também fiz parte do júri e não me sinto magoado com a afronta.

Não nos magoa quem quer.

E, ao contrário das palavras de Cristo, (já de barbas brancas) direi: não lhes perdoeis Senhor, que sabem muito bem o mal que fazem.

Fiz parte do júri, como o menos categorizado dos seus membros. A minha modesta opinião, bem assente em bases seguras, foi absolutamente concorde, como já se sabe, com a dos meus ilustres Colegas.

Decorridos tantos anos ainda me não arrependi de ter dado todo o meu apoio ao projecto em referência. E estou convencido de que o mesmo acontece com o meu ilustre Colega, o meu apreciado Amigo José de Pina.

E não me arrependi, porque não sou avesso aos progressos materiais de Arte, como o não sou à sua natural evolução. Percebem isto?

Na melhor das hipóteses, o Mestre Marques da Silva não seria compreendido por aqueles demolidores desta sua Obra, os quais, à falta de opinião própria «*e só de ouvido se podem pronunciar*» como

Atletismo

Estreia do VITÓRIA no Nacional de Júniores

Mercê da boa vontade e sacrifício da Direcção do Vitória, foi enviada a Lisboa uma equipa a disputar o Campeonato Nacional de Atletismo de Júniores, acontecimento este de vulto, sem dúvida, dentro da vida desportiva da cidade.

Realmente, nas condições financeiras actuais do Vitória — situação infelizmente extensiva à maioria dos clubes da província — uma deslocação a Lisboa dum grupo duma modalidade que não dá receita, como o atletismo, só é possível dentro duma inteligente compreensão por parte da Direcção da necessidade de amparo duma secção de valor formativo, dentro do desporto, como é o atletismo.

Tem vivido esta secção, quanto a actuação dos associados, acorrendo à sua prática, apenas daquela meia dúzia a que aqui já por vezes nos temos referido.

Deve-se mais uma vez ao entusiasmo desses rapazes a bela impressão que o Vitória deixou nos «Nacionais» em Lisboa, tão fortemente traduzida pelas lisongeiras referências por parte da imprensa lisboeta.

Embora não fosse conseguido qualquer título, com a obtenção dum 3.º lugar nos 100 metros e um 4.º nos 4x100 metros e 4x400 metros, tratando-se dum campeonato nacional, duma reduzida equipa e estreante em participações deste vulto, julgamos não se poder exigir mais.

Das três classificações, há que salientar o 3.º lugar nos 100 metros, ou melhor, o 2.º lugar, pois, pelo visto, houve precipitação na classificação.

Observamos uma fotografia da chegada, a qual não nos deixa dúvida de que Herlânder entrou na meta, realmente, em 2.º lugar e não em 3.º, opinião aliás exteriorizada por alguns jornais de Lisboa.

De qualquer forma, o que vincou nos meios desportivos da Capital foi o aparecimento de mais um clube que pela primeira vez concorria a tão importante certamen, e conseguia com tão poucos atletas o 5.º lugar da classificação geral, colocando-se à frente de consagrados agrupamentos como o do Colégio Militar e Bairro de Inglaterra.

A impressão que o «sprinter» Herlânder deixou nos críticos da especialidade, foi excelente; e convencidos estamos de que, por se tratar duma primeira participação de tal responsabilidade, este atleta não deu o rendimento compatível com a sua actual forma. Apoiamos esta nossa opinião no facto de ele aos 85 metros ocupar o comando da prova e, sem dúvida, a ideia de se ver na iminência de conseguir um campeonato de Portugal, deve-o ter impressionado por forma a quebrar aquela concentração de atenção, tão precisa nesses momentos culminantes de conclusão de corridas.

Herlânder foi vítima daquela falta de calo exigido em provas desta natureza e só isso explica não ter embalado, como costuma, nos últimos 15 metros.

Apesar da sua pouca estatura, em condições normais de disposição e na forma que actualmente patenteia, é-lhe fácil abeirar-se dos 11 segundos nos 100 metros e, portanto, estamos em presença dum corredor de velocidade de marcante categoria.

Está pois de parabéns o nosso clube com uma tal exibição e é disto, afinal, que precisa para, além do prestígio inegável que tal lhe confere, conseguir levar não só os associados à prática desportiva, mas ainda os outros clubes da província a seguir-lhe o magnífico exemplo.

Guimarães, 15 de Julho de 1951.

J. DE MOURA MACHADO.

---

diz *M.*, evocam opiniões alheias de pretensas autoridades, que nunca o foram em tais assuntos, misturando alhos com bogalhos, no seu esvurmar de mal contidos ódios que bem podiam ser postos de parte, se houvesse mais amor à terra e menos preocupações com figuras ou falsos ídolos.

Muito haveria ainda que dizer, mas não vale a pena. Se aqueles que têm olhos *para ver* os fecham, são piores do que os piores cegos. São esses que eu mais receio.

Terminarei apenas com um pedido:

Se pensam em deitar abaixo, sem respeito pelo suor dos que trabalham, o que está feito e nos custou alguns milhares de contos, se acham que nadamos em dinheiro e que portanto não devemos seguir as pisadas do Chefe do Governo, nem os seus judiciosos conselhos, que sempre nos gritam — economia, mais economia; se pensam em substituir o monumento por um edifício em betão-armado, cuja duração, na opinião de todos os mestres, é *limitada*, não podendo portanto comparar-se com a *eterna duração* do nosso belo, multicolorgranito; se pensam, finalmente, em obstar a que Guimarães possua mais uma preciosidade de incalculável valor, peço-lhes, então, que, pelo menos, não façam desaparecer o seu projecto, revelador do prodigioso talento de um dos maiores Artistas portugueses e de um dos mais sinceros e devotados amigos da nossa terra.

Deixem, pois, que, pelos tempos fora, nos façam justiça, e, à vista desse maravilhoso trabalho, se prove aos vindouros que, alguma vez, alguém tentou servir Guimarães, a nossa querida terra, com a dedicação que nos merecia e que lhe foi recusada por alguns dos seus filhos!

Lisboa, 10 de Julho de 1951.

HOMENAGENS

À Memória do

Rev. Prior de S. Sebastião

Para as homenagens prestadas já e a prestar à memória saudosa do querido Prior Augusto Borges de Sá, subscreveram mais, nos estabelecimentos em que a subscrição foi aberta, os seguintes srs.:

Transporte, 9.555$00. José Nunes Pinto, 50$00; Reinaldo Pinto Figueiredo, 50$00; João Dias de Castro, 50$00; Alberto Afonso Maduro, 20$00; Francisco Gonçalves da Cunha, 100$00; Joaquim da Silva Xavier, 100$00; José Torcato Ribeiro Júnior, 200$00; João Alves Pinto, 50$00; Fernando Gonçalves Coelho, 20$00; Anónimo, 50$00; Artur Manuel Santoalha, 100$00; António Fernandes, 20$00; D. Rosa Rosária de Almeida (Piedade), 20$00; José Leite de Oliveira, 50$00; Domingos Rodrigues (Atães), 20$00; Afonso Machado, 20$00; Dr. Manuel Ferreira da Costa, Coimbra, 50$00; José Rodrigues Guimarães, Pevidém, 200$00; Avelino Ferreira de Araújo, 20$00; Alberto Costa, 50$00; Camilo Laranjeiro dos Reis, 30$00; António Laranjeiro dos Reis, 20$00; António José da Costa, 50$00; Manuel de Araújo, 20$00; D. Emília Teixeira, 20$00; Dr. Leopoldo Martins de Freitas, 200$00; João António da Silva Guimarães, 20$00; Paulino de Magalhães, 20$00; José de Sousa, 20$00. *A transportar*, Esc. 11.195$00

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 6, o sr. Júlio Ribeiro da Silva, sogro do nosso amigo sr. Amadeu Soares Portilha; no dia 17, as sr.as dr.a D. Edwiges Machado e D. Amélia Soares Moreira, o nosso prezado amigo sr. Armindo Maria Fernandes e o menino José Joaquim Moreira Figueiredo, filho do nosso bom amigo sr. António Moreira Sampaio; no dia 18, os nossos bons amigos srs. Sargento Júlio Mendes, Miguel Teixeira e Américo Carlos Simões, e a sr.a D. Ana Maria de Miranda, esposa do nosso prezado amigo sr. José Miranda Júnior; no dia 19, os também nossos amigos srs. José de Oliveira e Manuel Teixeira; no dia 22, os também nossos amigos srs. Manuel da Silva Ferreira e António Pádua da Cunha Monteiro.

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

Partidas e chegadas

Bispo da Guarda — Regressou à sua diocese o senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, nosso ilustre conterrâneo.

*

Do Castelo da Maia partiu para a Praia de Angeira o nosso prezado amigo sr. Guilherme Pinto.

— De visita a sua família esteve nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Casimiro da Silva Lopes, conceituado negociante de ourivesaria em Viana do Castelo.

— Parte hoje para Vichy, França, com sua esposa, o nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado.

— Com sua família encontra-se a veranear na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Alberto Gomes Alves.

— Partiu para Serzedelo, afim de repousar alguns dias, o nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. José Rodrigues Trindade, da Figueira da Foz.

— Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. Albano M. Coelho de Lima,

— Acompanhano de sua esposa chegou ontem a Guimarães, vindo do Rio de Janeiro, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alexandre Pacheco Guimarães, a quem abraçamos.

— Com sua esposa encontra-se em digressão pela Europa, o nosso querido amigo sr. Gonçalo de Sousa Guise.

— Parte hoje para Vichy, França, a uso de águas, o distinto médico-dentista e nosso bom amigo sr. dr. Alvaro Carvalho.

— Partiu para Espanha, em viagem de turismo, o nosso amigo sr. Amadeu Soares Portilha.

— Do Porto, onde esteve em tratamento, regressou a S. Romão de Mesão-Frio, o nosso bom amigo sr. António Dias.

CASAMENTO

Na Igreja de Santa Eulália de Nespereira, consorciaram-se ontem, a sr.a D. Maria Elvira de Caldas Jordão, gentil filha da sr.a D. Maria Sofia Costa Caldas Jordão e do sr. António Lage Jordão, e o sr. Camilo de Cintra Penafort, filho da sr.a D. Maria da Conceição de Cintra Penafort e do sr. Amadeu C. Penafort, tendo o acto decorrido num ambiente de muita intimidade.

Aos noivos ambicionamos as maiores venturas.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino a sr.a D. Amália Puga Lobo, esposa do nosso prezado amigo sr. Francisco Alves da Silva Lobo.

Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Doentes

Na sua casa da Igreja, em Varziela, Felgueiras, tem passado doente, encontrando-se já melhor, o nosso prezado amigo rev. dr. Artur Leite de Amorim.

— Vão-se acentuando as melhoras do nosso querido amigo rev. dr. Francisco de Melo, de S. Pedro de Raimonda.

Aos enfermos desejamos breve e completo restabelecimento.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, Largo Prior do Crato.

Ofertas e Procuras

Casa nova Aluga-se na R. de Francisco Agra n.º 135. Falar no n.º 139 da mesma Rua. 284

Passa-se uma adega para venda de vinhos de pipa e engarrafados e outros derivados. Bom local, instalações modernas; bom preço.
Falar na redacção deste jornal. Pretendendo um andar do mesmo prédio, é assunto a combinar. 299

Empregado de Escritório Oferece-se para ajudante. Resposta na Redacção. 215

PAPEL VELHO COMPRA aos melhores preços a Cartonagem «Perfeita» — Rua Capitão Alfredo Guimarães. Telefone, 40195. 512

CARRO VENDE-SE Peugeot 201 em bom estado de conservação e em bom preço.
Para ver Garagem Freitas. Rua de Gil Vicente. 522

Aluga-se O 2.º andar do novo prédio da Rua do Anjo 31, próximo do Toural. Também se aluga a loja do prédio. Falar Casimiro Martins. 523

Câmara Municipal

A Câmara Municipal em sua última sessão deliberou, entre outras coisas, o seguinte:

— Que a firma Bernardino Jordão Filhos & C.a Lid.a, proceda ao estudo para a eficiente iluminação pública das ruas dr. Abílio Torres e Ferreira Caldas, da Vila de Vizela; que, por intermédio da Repartição de Engenharia do Município, seja aberto concurso público para a construção de uma passagem superior em Vizela.

A Câmara autorizou o pagamento de 30 mil escudos aos Bombeiros Voluntários de Guimarães, correspondente ao subsídio concedido para a montagem de camaratas, enxovais e respectivos armeiros destinados ao piquete de serviço nocturno permanente.

Obrigações dos Contribuintes

Durante o corrente mês paga-se na Tesouraria da Fazenda Pública o imposto Complementar, sem juros:

— Também no corrente mês deve ser feita não só a renovação das reclamações a que se refere o art.º 5.º do Decreto n.º 16.731, de 13 de Abril de 1929, mas também a apresentação das declarações de inquilinos, nos termos do art.º 18.º do Decreto n.º 26.338 de 5 de Fevereiro de 1936, quando tenham ocorrido quaisquer declarações, durante o período que terminou em 30 de Junho (tempo decorrido entre 1 de Julho a 30 de Junho).

Construção de Retretes

A Repartição Técnica da Câmara foi encarregada de elaborar o projecto para a instalação de retretes públicas nos Largos João Franco e Condessa do Juncal, Largo da Oliveira e Avenida Alberto Sampaio.

Falec. e Sufrágios

Joaquim Pacheco Guimarães

Na sua casa — Vila Alexandre — em Serzedo, deste concelho, onde há bastante tempo residia, finou-se com 74 anos de idade, o estimado proprietário e abastado capitalista sr. Joaquim Pacheco Guimarães, casado com a sr.a D. Amália Augusta Pacheco e pai do nosso prezado amigo sr. Alexandre Pacheco Guimarães, comerciante no Rio de Janeiro, casado com a sr.a D. Maria Madalena Bravo Meireles Pacheco.

O extinto, era possuidor de um excelente carácter. Homem trabalhador e dotado da maior probidade, viveu durante longos anos no Rio de Janeiro de onde regressara há já bastante tempo, para repousar nas suas propriedades.

Mercê das suas belas qualidades era geralmente estimado no meio, sendo bastante sentida a sua morte.

O funeral, realizado na quarta-feira às 9 horas naquela freguesia, constituiu uma grande manifestação de pesar, a que foram associar-se muitas pessoas desta cidade e de outras localidades.

Durante o percurso de casa à igreja e dali ao cemitério organizaram-se vários turnos, pegando às borlas da urna muitos amigos do extinto e da família, médicos, advogados, proprietários, comerciantes, industriais, etc..

No préstito tomaram parte muitos sacerdotes, que entoaram os responsos fúnebres, irmandades e confrarias e muitas senhoras, tendo sido colocados sobre o féretro muitos ramos e bouquets de flores com sentidas dedicatórias.

A chave do caixão foi conduzida pelo sr. Celestino Lobo, amigo íntimo do finado.

Depois dos actos fúnebres celebrados no templo paroquial, o cadáver foi inhumado em jazigo de família no cemitério da freguesia de Serzedo.

Estiveram representados os srs. Comendador Alberto Pimenta Machado, António Alberto e Alberto Pimenta Machado Júnior, pelo sr. José Maria Machado Vaz, e os srs. Manuel C. Martins, José, Henrique e Jaime Ferreira Martins e Sebastião Teixeira de Aguiar, pelo sr. Avelino Ferreira Meireles.

A toda a família dorida, dum modo especial à desolada esposa e filho, apresentamos as mais sentidas condolências.

Dr. Manuel Cerqueira Couto

Contando 61 anos finou-se no dia 11 na sua casa do Soutelo, em Ponte da Barca, o sr. dr. Manuel Cerqueira Couto, casado com a sr.a D. Maria Augusta de Araújo Couto.

O extinto desempenhava o lugar de Conservador do Registo Predial de Guimarães, de que tomou posse em 20 de Dezembro de 1948.

De luto

Pelo falecimento de sua sogra ocorrido há dias em Fermentões, encontra-se de luto o nosso amigo sr. João Ribeiro Dias, proprietário, do lugar do Paço, da mesma freguesia, a quem apresentamos condolências.

Incêndio no Convento da Costa

...do Rescaldo

Informa-nos o Comando dos B. V. de Guimarães que, para se poder apreciar o trabalho dos Bombeiros nesse pavoroso incêndio, basta atentar no seguinte quadro:

Bombeiros em serviço, 57; moto-bombas, 5; viaturas, 3; linhas de água, mangueira, 1.300m; agulhetas, 11; horas de serviço, 19; Quilómetros percorridos pelas viaturas, 154; gastos em gasolina e óleos, 170 litros.

.....

Do Ex.mo Sr. Reitor do Seminário da Costa foi recebido o penhorante ofício:

«Profundamente sensibilisado e reconhecido pelo magnífico e heróico trabalho de V. Ex.a e dos seus gloriosos Bombeiros na extinção do incêndio que atingiu o Seminário da Costa, peço licença de aceitarem esta pequena amostra da nossa gratidão. — 1.000$00.

O Barítono Português Inocêncio Caldeira

Como na 2.a parte deste trabalho que publicámos no número último do nosso jornal, houve um lapso que alterou o sentido de dois períodos, rectificamos, com o pedido de desculpa para o autor e bem assim para os nossos leitores, o trecho mutilado, levando sublinhadas as palavras que foram omitidas.

Daí resultou a sua interpretação dos evangelhos, que procurou praticar à risca, o que originou conflitos *familiares, abandono da casa e riquezas, indo, por fim, numa longa fuga desesperada, morrer octogenário numa estação do caminho de ferro.*

Como o acontecido com o ídolo russo — que era nem mais nem menos que o filósofo Conde Leo Tolstoi — deve interessar aos amantes de coisas curiosas e interessantes, vou relatá-lo em parentese.

* * *

Também saiu com algumas gralhas o artigo **Sul de Angola**, da autoria do nosso amigo sr. Coronel António de Quadros Flores, publicado no último número.

* * *

Ainda no mesmo número e independentemente de outras gralhas que a inteligência dos leitores fàcilmente terá corrigido, no soneto de Delfim de Guimarães saiu errado o terceiro verso da primeira quadra. Assim devia ler-se:

Eu sei que por ti foram animados

Em vez de:

Eu sei que por ti foram animados.

GRANDE SORTEIO DE AVELEDA

Em 21 de Outubro de 1951

25 AUTOMÓVEIS (últimos modelos) e mais **1100 prémios** no valor superior a 1600 contos.

Cadernetas com 10 números custam apenas 20$00.

Bilhetes à venda na

Casa PEDRO DA SILVA FREITAS

(CHAFARICA) 521

11, RUA DE SANTO ANTÓNIO, 13 — GUIMARÃES

TELEFONE: 4221 —— Teleg.: PERFEITAS

NÃO PINTE O SEU CABELO: faça-o regressar pouco a pouco com a LOÇÃO DE COLÓNIA à sua cor natural

«MIN-HOR»

/// 511

Farmácia «Hórus» — Guimarães

Câmara Municipal de Guimarães

ANUNCIO

Faz-se público que no dia 25 do corrente mês de Julho, pelas 15 horas, na Câmara Municipal de Guimarães, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de:

Construção de uma passagem superior, em Vizela

BASE DE LICITAÇÃO

Duzentos e oitenta mil, oitocentos e cincoenta e quatro escudos

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações o depósito provisório de 6.000$00 (seis mil escudos) mediante guia passada pela Secretaria da Câmara Municipal de Guimarães em qualquer dia útil, durante as horas do expediente até às 12,5 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas do expediente na Repartição de Engenharia da Câmara Municipal de Guimarães, e na Direcção de Urbanização de Braga.

Guimarães e Paços do Concelho, aos 5 de Julho de 1951.

O Presidente da Câmara Municipal, 518

Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

Minha Senhora:

Século XX é a marca do melhor calçado que se fabrica em Portugal e é um rigoroso exclusivo da 86

SAPATARIA LUSO

Vida Católica

Nossa Senhora do Carmo

No templo da V. O. T. do Carmo, iniciam-se hoje, às 21 horas, as novenas em honra da Padroeira, havendo amanhã, dia 16, festa que constará de: Missa solene às 11 horas e de tarde, pelas 21 horas, exposição, terço, sermão, Te-Deum e bênção do Santíssimo.

Sul de Angola

Alguns aspectos do Distrito de Huíla há mais de trinta anos

Ao Ex.mo Sr. Dr. Eduardo de Almeida, homenagem muito grata.

Só de 1921 para cá é que começaram a circular, com mais frequência, os automóveis, e tem aumentado o seu número de tal modo que julgo serem os carros boers uma recordação do passado.

Mas é possível que para alguns transportes e para certas regiões ainda se faça uso dele.

E' que o carro boer é o meio mais económico para certos produtos, visto que tem um dispêndio muito reduzido diàriamente e um empate de capital muito menor.

Dá-se este caso, suponho eu, no transporte de cereais, em que carrega 3 toneladas, à média diária de 20 quilómetros, apenas com o emprego de dois ou três pretos, por carro, como pessoal indispensável ao seu manejo.

Isto nas regiões do Planalto em que só naquele tempo se colhia o trigo e outros cereais utilizados pelas populações das Vilas.

Esta é a evolução dos transportes por veículos, que os anteriores se limitavam ao dorso de pretos, ou sejam os carregadores, o que reduzia em muito a eficiência da troca de mercadorias e a difusão das actividades civilizadoras.

* * *

Logo que se instalava um Posto, servido muitas vezes por um branco, o seu primeiro cuidado, ao par da sua instalação, era o plantar uma horta e construir um galinheiro.

Com que cuidados não ia, todos os dias, este primeiro colono, perdido nos confins desse Sul de Angola, à sua horta cavar, sachar e mandar as hortaliças e legumes, que lhe ajudavam a variar o passadio, muitas vezes pouco melhor do que o dos gentios!

E como o solo era virgem e fértil, a horta prosperava e aumentava e depois conseguia, através de inúmeras dificuldades de transporte moroso, plantar uma ou outra árvore de fruto, europeia, que por sua vez o recompensava com uma produção maravilhosa.

Com a rapidez de transportes, estes pomares iniciais desenvolveram-se em quantidade e qualidade.

Foram-se alargando, constituindo granjas agrícolas, umas de iniciativa de alguns funcionários mais previdentes e empreendedores, e, depois, por legislação do Estado, que as mandou organizar em todos os Postos e onde houvesse unidades militares.

Aos poucos e poucos os indígenas foram tomando contacto com novos processos de agricultura, especialmente os que se alistavam nas fileiras do Exército, constituindo, assim, um corpo de difusão de novos métodos que iriam dar um avanço notável às condições económicas daquelas regiões, que ainda no meu tempo importavam géneros que agora fornecem, com abundância, para o interior.

Continua.

A. DE QUADROS FLORES.

FESTAS AO S. CRISTÓVÃO na PENHA

Está elaborado o programa das tradicionais festas dos motoristas de Guimarães em honra de S. Cristóvão, seu Patrono, as quais terão lugar nos dias 28 e 29, constando do seguinte:

Dia 28, às 8 horas e ao meio dia, salvas de foguetes anunciarão as festas. A' noite, deslumbrante iluminação na montanha e concerto no Jardim Público pela Banda dos B. V. de Vizela. A's 21 horas, Jantar de confraternização da classe dos motoristas. A's 23 horas, sessão de fogo de artifício por afamados pirotécnicos.

Dia 29, salvas de morteiros e arruadas pela Banda dos B. V. de Vizela. A's 11 horas, missa solene com sermão, na capela de S. Cristóvão. Durante a tarde a referida Banda abrilhantará as festas na Alameda da Penha. A's 16 horas, corrida de 3 pernas e escalada a um pinheiro e outros divertimentos com prémios. A's 18 horas, grande gincana de bicicletas com valiosos prémios, sendo em seguida queimado muito fogo do ar e preso.

O CALÇADO IDEAL PARA CRIANÇAS

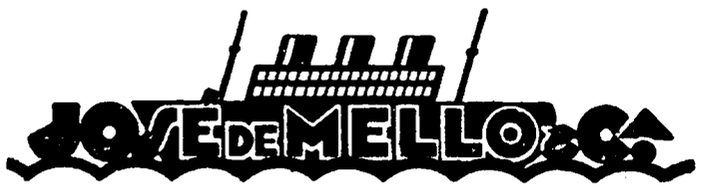
ANDA MUITO
BRINCA MUITO
DURA MUITO...

196

Peça-o no seu fornecedor habitual

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.
Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: *Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO*
com *Armazém de Retem e Depósitos*
(Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:
R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Os Livros e o Amor

(Continuação da 1.ª página)

Entretanto, como ele próprio adverte, não tem nada de romance esse livro, sendo apenas uma descrição «*exacta e científica*» do que ele próprio chama «*amor-paixão*». O que há lá de mais notável é a análise de quatro espécies de amor (amor-paixão, amor-gosto, amor-físico e amor de vaidade) seguida de sete étapes, de sete estádios, até chegarem os amorosos à «*cristalização*», momento em que cercam de todas as perfeições a mulher amada. O termo ficou célebre; o autor foi buscá-lo ao fenómemo que se observa quando nas minas de sal de Salbzburgo se descobre um raminho que, lançado à água três meses antes, se encontra revestido duma espessa coroa de cristais «*duma infinidade de diamantes móveis e deslumbrantes*».

Esta obra, conquanto obedeça aos métodos característicos de Stendhal, com a sua vivacidade, minúcia, penetração e profundeza, é incompleta, tem os seus laivos de pessimismo, cai em alguns erros e apresenta soluções inexactas do problema do amor.

Mais poético, mais simples, mais comovente, mas menos subtil é o livro de Michelet — **L'Amour**, publicado em 1858. Nele se patenteia o carinho com que trata a mulher considerada uma doente, opinião que já Hipócrates (século V antes de Cristo) — o maior médico da Antiguidade — subscrevia. Insiste sobretudo no aspecto fisiológico do amor e no seu caracter fatal. Esse livro está, pois, de acordo com a psicologia do autor, conhecido sobretudo pelos seus trabalhos históricos. Modernamente, graças às investigações da biologia, da medicina, da psicologia, esses estudos tomaram nova feição, chegando a conclusões interessantes.

Óptimos são os livros do Dr. Georges Surbled, médico do hospital Anne-Marie. Estão impregnados dos verdadeiros princípios da moral e das mais seguras aquisições da ciência. Combatem as doutrinas materialistas e expõem com a maior clareza e elegância, num estilo terso e preciso, a lei de Deus e a lei da nossa natureza. Citemos sobretudo **L'Amour, La Vie à Deux, La Vie de Jeune Homme, La Vie de Jeune-fille**, etc.

O problema do amor aparece, claro e profundo, dentro de um humanismo sadio, de uma concepção justa do homem, abrangendo a pessoa inteira — coração, espírito e carne — numa harmonia hierarquizada nos **Problemas da Sexualidade** (5 volumes) da livraria Tavares Martins do Porto, o primeiro dos quais foi publicado em francês na colecção **«Présences»** pela livraria Plon de Paris. Obra substancial essa, de fortes ensinamentos e de grandes lições. Todos lucram com a leitura dessas páginas tão saborosas e sumarentas.

Não deixarei de citar o livro de Paul Jagot — **Psychologie de l'Amour**, que foi elaborado segundo um plano de iniciação às ciências psíquicas com o intuito de se adquirir um bom equilíbrio psico-nervoso e desenvolver a cultura mental. E' um interessante estudo das condições em que desponta, se elabora, evoluciona e se extingue o amor, compreendendo a parte do instinto, da sensibilidade e da imaginação. Quem passar por crises agudas ou por estados crónicos produzidos pelas decepções amorosas, lucrará lendo esse livro que oferece o respectivo tratamento.

Todos os filósofos com maior ou menor âmbito falaram do amor desde Empédocle, Platão, etc. aos nossos dias. O espanhol Ortega y Gasset nos seus **Estudios sobre el amor (Uber die Liebe)** relaciona-o com certos assuntos sociais, com certas manifestações da arte e do pensamento.

Como síntese e como doutrina é esplêndido o livro do Dr. René Biot — **Educação do amor**. «*Assim como o homem tem necessidade de educar os seus sentidos, as suas funções vitais, assim também precisa de educar o sentimento do amor*». Outras obras do autor, que se consagrara à biologia experimental e fora colaborador do Dr. Carrel na ambulância-laboratório do Rond-Royal e depois fundador e director do «*Instituto de endocrinologia e de psicologia*» de Leão, enfileiram naquela orientação que considera o homem na sua totalidade, combatendo tanto o angelismo, o idealismo puro como o materialismo estreme. Em **«Le Corps et l'Ame»** tem dois capítulos curiosos sobre a *natureza feminina* e sobre a *moral sexual*.

O crítico, o literato, o historiador não deve deixar de ler o livro de Denis de Rougemont — **L'Amour en Occident**, cujos capítulos descrevem as características do amor ocidental a partir do mito de Tristão e Isolda. Apresenta uma documentação notável sobre o amor cortês (*trovadores e cátaros*), sobre o amor-paixão que irrompeu por meados do século XII com os primeiros apaixonados Heloisa e Abelardo; largamente se refere à heresia dos albigenses e à influência que exerceu na poesia, desencarnando o amor, desviando-o da sua verdadeira natureza. Esse livro é da colecção **Présences** da editora Plon de Paris.

Recentemente, veio a lume por intermédio da livraria de Robert Laffont um ensaio — **L'Amour** do Dr. Birnbaum que se revelou um psicólogo e um moralista abalisado. Como não podia deixar de ser, o autor segue na esteira dos melhores tratadistas, demonstrando que o amor humano nas suas múltiplas formas, ultrapassa os limites da sexualidade em que mergulha, dando-nos depois a verdadeira noção do amor como elemento de educação e de aperfeiçoamento espiritual.

Finalmente — *although the last not least* — falemos de **L'Amour chrétien** de A. D. Sertillanges. E' sob o ponto de vista moral e filosófico o melhor livro que conheço. Fica bem na estante de qualquer intelectual. Em 18 capítulos densos, expõe o autor as várias modalidades do amor desde o *amor em Deus*, o *amor vivo*, o *amor na natureza* até à *sociedade universal do amor*. Admiramos o critério amplo e largo com que trata o problema. Podemos ter confiança no autor, padre dominicano e membro do «Instituto», pois as suas ideias são repletas do mais belo cristianismo e da mais profunda e sã filosofia. «*O amor é a própria criação. O amor é a plenitude das operações de Deus na natureza, na alma, como na Trindade*».

Eis os livros que conheço sobre tão magna questão.

Continua sob o mesmo tema.

PIC-NIC

BRANCO OU TINTO

Bebê-lo uma vez
é preferi-lo sempre.

292

EDITAL

A Direcção da Sociedade Martins Sarmento faz público, de harmonia com a deliberação tomada em reunião de 11 do corrente, que vão continuar diversas obras no edifício da sua sede, referentes a trabalhos de pedreiro, trolha, carpinteiro, pintor, serralheiro e de cimento armado, cujos cadernos de medição e orçamento se encontram à disposição de quem os queira consultar, todos os dias úteis, das 14 às 17 horas na sede da mesma Sociedade. As bases de licitação dos referidos trabalhos são respectivamente:

Pedreiro	11.570$20
Trolha	33.898$91
Carpinteiro . . .	22.383$90
Pintor	6.491$75
Serralheiro . . .	11.237$00
Cimento armado.	11.001$40
Total . . .	96.583$16

Recebem-se nesta Sociedade propostas em carta fechada até o dia 23 do corrente, procedendo-se, em data a fixar ulteriormente, à respectiva arrematação da totalidade desta obra.

Guimarães e Secretaria da Sociedade Martins Sarmento, 12 de Julho de 1951.

O Secretário da Direcção 319

Manuel Alves de Oliveira.

Uma Novidade!

INMOVIX é o único baton que está obtendo o maior sucesso em todo o mundo, em virtude de conservar o seu brilho e fixidez.

Usando INMOVIX não precisará de retocar, constantemente, os seus lábios.

A' venda na 516

Farmácia Nobel
Guimarães

Máquinas de costura «HUSQVARNA»
a melhor garantia
Motores VAP
para bicicletes
Moto-Bombas
para regas
PULVERIZADORES
Prensas
Alfaias agrícolas
AOS MELHORES PREÇOS
L. Nunes Pinto 16
À FEIRA DO PÃO

Confie os seus trabalhos à **Tipografia IDEAL,** *na certeza de uma distinta apresentação gráfica.* Tel. **4381.**
RUA DA RAÍNHA
GUIMARÃES

Notícias de Guimarães n.º 1017 — 15-7-1951

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Pela 3.ª secção da secretaria judicial desta comarca de Guimarães corre seus termos uma acção especial de liquidação para o Estado, intentada pelo digno Agente do Ministério Público, em legal representação do Estado, em que pede:

Para serem declarados abandonados pelos seus titulares, e, portanto, adjudicados ao Estado, os dividendos, que não foram reclamados, das seguintes acções da Companhia dos Banhos de Vizela, sociedade anónima de responsabilidade limitada com sede na vila de Vizela, desta comarca: dividendos relativos ao ano de 1942, que não foram reclamados, das acções números 26 a 30, 46, 322, 345, 346, 353, 354, 435, 436, 440, 484, 570, 571, 679, 874, 1.040, 1.113 a 1.118, 1.213 a 1.217, 1.222 a 1.225, 1.317, 1.318, 1.319, 1.942, 2.182, 2.183, 2.208 a 2.210, 2.219, 2.245, 2.374, 2.443, 2.521, 2.531, 2.532, 2.635, 2.891 a 2.896, 2.921, 2.199, 3.222, 3.224, 3.227, 3.228, 3.257, 3.258, 3.444, 3.445, 4.077, 4.078, 4.914, 4.915 e 4.983; — dividendos relativos ao ano de 1943: acções números 26 a 30, 31, 46, 3.222, 345, 346, 353, 354, 435, 436, 440, 484, 679, 817, 874, 1.040, 1.113 a 1.118, 1.213 a 1.217, 1.222 a 1.225, 1.317, 1.318, 1.319, 1.942, 2.219, 2.245, 2.374, 2.443, 2.521, 2.531, 2.532, 2.635, 2.891 a 2.896, 2.921, 3.199, 3.222, 3.224, 3.227, 3.228, 3.257, 3.258, 4.456 a 4.465, 4.914, 4.915, 4.935, 4.936 a 4.983; — dividendos relativos ao ano de 1944: acções números 26 a 30, 31, 46, 322, 345, 346, 353, 354, 435, 436, 440, 484, 679, 817, 874, 1.040, 1.113 a 1.118, 1.213 a 1.217, 1.222 a 1.225, 1.317, 1.318, 1.319, 1.942, 2.219, 2.245, 2.374, 2.443, 2.521, 2.531, 2.532, 2.635, 2.891 a 2.896, 2.921, 3.199, 3.222, 3.224, 3.228, 3.257, 3.258, 4.456, 4.465, 4.914, 4.915, 4.935 e 4.983; — os juros, que também não foram reclamados, das seguintes obrigações da mesma Companhia: do ano de 1942: obrigações números 6, 8, 10, 208, 210, 265, 454, 462, 466, 467, 473, 480, 505, 506, 508 a 512, 549 a 552 e 556 a 558; do ano de 1943: obrigações números 6, 8, 208, 210, 235, 265, 454, 462, 466, 467, 473, 480, 486, 505, 549 a 552 e 631;

Para serem declaradas abandonadas pelos seus titulares, e, por isso, adjudicadas ao Estado, as obrigações da referida Companhia com os números 473 a 480, 6, 7, 8, 10, 547 e 549, por terem decorrido mais 20 anos sem terem sido cobrados os respectivos juros.

E, de harmonia com a lei, correm éditos de 30 dias, que se começam a contar da segunda publicação deste anúncio, citando quaisquer interessados incertos para no praso de 20 dias, depois de findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos em relação aos referidos dividendos, juros e obrigações, sob pena de, na falta de reclamação ou habilitação, serem imediatamente adjudicados ao Estado.

Guimarães, 5 de Julho de 1951.

O Juiz de Direito, 320

Lobo e Silva

O Chefe da 3.ª Secção,

Albino Leite da Silva.